

DEISCÊNCIAS ÓSSEAS ALVEOLARES EM PACIENTES COM ANEMIA FALCIFORME E TALASSEMIA: UM ESTUDO COM TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA DE FEIXE CÔNICO

Mateus Eugênio Simões de Moraes (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Monique Cimão dos Santos (PGO/UEM), Adilson Luiz Ramos (Orientador), e-mail:

alramos@uem.br

UEM / Centro de Ciências da Saúde/Maringá, PR.

Área Odontologia 40200000, Subárea Ortodontia 40203000

Palavras-chave: Deiscência óssea, Tomografia computadorizada, Talassemia.

Resumo

Dentre os diversos tipos de anemia, a falciforme é a mais prevalente no Brasil e as talassemias representam os defeitos genéticos da hemoglobina mais comuns em todo o mundo (Loureiro & Rozenfeld, 2005, Engel et al., 2008). Algumas alterações faciais e da morfologia do trabeculado ósseo podem ser encontradas nesses pacientes, podendo possivelmente influenciar a presença de deiscências ósseas. O presente estudo avaliou a presença de deiscências alveolares em 13 pacientes com anemia falciforme ou talassemia. As médias resultantes foram comparadas aos resultados da pesquisa de Castro et al, 2016, que avaliou uma população normal. O presente estudo indicou maior prevalência de deiscências ósseas nos pacientes com talassemia e anemia falciforme, incorrendo em maiores necessidades de cuidados periodontais.

Introdução

Dados da literatura indicam que tanto na anemia falciforme quanto na β -talassemia são encontradas alterações no padrão ósseo. Isto ocorre porque a medula óssea sofre hipertrofia para compensar o déficit hematopoiético (Park et al., 2012). A distância entre a junção cimento-esmalte e a crista óssea é um parâmetro biológico que pode ser igualmente afetado. O aumento das distâncias a partir desta junção à crista óssea pode ser um indicativo de deiscência óssea alveolar que, segundo Persson e Baysal, configura-se quando for maior do que 2mm. A má posição dentária identificada nos pacientes anêmicos, bem como a expansão maxilar oriunda da deformação facial dos mesmos, cria uma correlação entre o movimento dentário vestibulo-lingual e o aumento da distância da junção cimento-esmalte à crista óssea. Até o presente, não há estudos que avaliaram a prevalência das deiscências alveolares neste grupo de pacientes.

Materiais e métodos

O presente estudo retrospectivo observacional utilizou uma amostra com 13 pacientes, de ambos os gêneros com média de 32,85 anos de idade, com diagnóstico clínico e laboratorial de anemia falciforme e beta talassemia. Todos possuíam exames TCFC. Foram excluídos pacientes que haviam realizado tratamento ortodôntico, submetidos à cirurgia ortognática, portadores de síndromes craniofaciais, pacientes totalmente edêntulos, pacientes menores de idade e pacientes grávidas. As imagens por TCFC foram obtidas pelo equipamento i-CAT Next Generation® (Imaging Sciences International, Hatfield, PA, EUA). As distâncias entre a junção cimento-esmalte e a crista óssea alveolar foram medidas pela vestibular e lingual, conforme descrito por Castro et al em 2016. As avaliações foram realizadas das superfícies dos incisivos central e lateral, caninos, primeiro e segundo pré-molares e primeiros molares, superiores e inferiores. A ferramenta do iCATVision 1.8.1.10 foi utilizada para realizar as mensurações. Quando maior que 2 mm, foi considerado como deiscência óssea. Os resultados

foram comparados aos resultados do estudo de Castro et al, 2016.

Resultados e Discussão

588 superfícies mensuradas. Foram registradas 250 (42,8%) deiscências ósseas alveolares (distância >2 mm). Esta prevalência foi muito maior quando comparado com os resultados de Castro et al, 2016, em que registraram apenas 11% desta ocorrência. As médias das distâncias entre a junção cimento-esmalte e a crista óssea também foram, em sua maioria (92%), maiores no grupo teste em relação ao controle.

As imagens de TCFC permitem mensurações do osso alveolar sem sobreposições e com qualidade. Por mais que a média de idade (teste: 32,85 anos; controle: 13,30 anos) e a quantidade da amostra (teste: 13 pacientes; controle: 30 pacientes) dos dois grupos sejam bem diferentes, esses resultados podem sugerir que os pacientes com anemia falciforme ou beta-talassemia podem apresentar mais deiscências ósseas e maiores do que pessoas sem essas condições.

Numa etapa subsequente, os dados da presente amostra serão comparados com um grupo de mesma média de idade, para comprovar o achado.

Conclusões

As deiscências ósseas alveolares se mostraram mais frequentes e maiores nos pacientes com anemia falciforme ou talassemia.

Agradecimentos

À Fundação Araucária e Universidade Estadual de Maringá pela bolsa concedida.

Referências

CASTRO, LO; CASTRO IO; ALENCAR, AHG; VALLADARES-NETO, J; ESTRELA, C Avaliação da tomografia computadorizada por feixe cônico da distância da junção cimento-esmalte à crista alveolar antes e depois do tratamento ortodôntico sem extração **Angle Orthod**, 2016 ; 86 (4), 543-49.

LOUREIRO, MM.; ROZENFELD, S. Epidemiologia de internações por doença falciforme no Brasil. **Rev Saúde Publica**, 39:943–949, 2005.

PARK, N; LAZOW, S; BERGER, J. Thalassemia: Medical and Surgical Considerations in Managing Facial Deformities: Case Report and Review of the Literature. **Journal of Oral and Maxillofacial Surgery**, v.70 p.284-289, 2012.

PERSSON RE, HOLLENDER GM, LAURELL L, PERSSON GR. Horizontal alveolar bone loss and vertical bone defects in an adult patient population. **J Periodontol**. 1998;69:348–356.